

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia

Letícia Backes Schreiner

HERÓIS DO MORRO SANTANA: IMPLICAÇÕES PSÍQUICAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial à obtenção de título de psicóloga
Orientador: Prof. Dr. Amadeu de Oliveira Weinmann
Co Orientadora: Dr^a Patrícia Flores de Medeiros

Porto Alegre, dezembro de 2019

CAMINHOS & ENCRUZILHADAS

1.	Combustível	» 4
2.	Preparação	» 5
3.	Os Hércules	» 7
3.1.	Junio de Souza	» 7
3.2.	Disney	» 8
3.3.	Monteiro Lobato	» 9
4.	Invariantes que variam	» 11
5.	Mitopoese da psique	» 13
6.	Ferramenta: imagem	» 15
7.	Ação! Reflexões	» 17
8.	Fortalecendo os trabalhos	» 21
9.	Instrumentos auxiliares	» 23

COMBUSTÍVEL

A realização desse trabalho só foi possível porque não caminhei só: algumas mãos e almas amorosas me acompanham e são fontes de cuidado, apoio e amparo. Inicialmente, agradeço imensamente aos meus pais, Rosvita e Moyses, que de maneira incondicional apoiaram-me em minhas escolhas e formação. Vocês são os testemunhas mais valiosos de minhas conquistas. Obrigada por todo o amor e cuidado diário. À Re, minha irmã gêmea com quem tenho o privilégio de dividir tantas emoções e histórias: tua companhia, apoio incondicional e irmandade me fazem acreditar em um mundo melhor. Muito da minha força e determinação vem do nosso vínculo e amor sem igual. Sempre juntas! Sempre! Ao Douglas, meu irmão, por todo o incentivo, sensibilidade e acolhida. Amo vocês!

Sou eternamente grata aos meus orientadores. Patrícia, tua presença sempre tão amorosa e cuidadosa são uma fonte de inspiração e sabedoria sem fim, tua orientação certa foram bálsamo nos meus momentos de angústia. Obrigada por me acolher e me iniciar no universo Junguiano com tanto afeto, cuidado e olhar. Eu não tenho palavras para te agradecer por tanto. Muito obrigada! Amadeu, te agradeço muitíssimo pelo voto de confiança, por topar esse desafio junto comigo e pela tua orientação tão sensível, cuidadosa e calma.

Cris, não posso deixar de te agradecer pela tua supervisão tão sensível e acolhedora que me fortalecem diariamente. Obrigada pelos puxões de orelha e pela tua presença sempre tão marcante - foram imprescindíveis na minha formação. Olho para ti e acredito em uma psicologia mais humana, ética e amorosa. Obrigada, obrigada, obrigada! Agradeço também aos meus colegas e amigos, André e Diego, por compartilharem e se entregarem ao grupo psicoterapêutico junto comigo! Guris, sem vocês nada disso seria possível e não teria sido tão especial quanto foi. Seguimos lado a lado.

Um super obrigada também aos meus amigos que tornam meus dias mais leves e divertidos. Gi amada, tua amizade é ouro pra mim! Seguimos juntas pelos caminhos junguianos e, acima de tudo, na vida. Rebs, minha eterna confidente, que sorte a minha te ter na minha vida! Shiba, por todo o apoio e ajuda! Laura, por tornar esse momento mais leve e divertido, te amo amiga. Gui, Simone, Paula, Thamy, Juliano, Marluce e Leiriane, pelas presenças tão marcantes e diversas no estágio. Aprendi muito com cada um de vocês! Agradeço também a equipe Associação Ação Voluntária Francisco de Assis e ao Instituto Junguiano, por me proporcionarem essa prática de estágio.

3. PREPARAÇÃO

Durante a minha trajetória pelo curso de psicologia, realizei minhas duas ênfases de estágio no Instituto Junguiano, onde tive a oportunidade de participar dos seminários teóricos, de conduzir um grupo psicoterapêutico com crianças, além de atendimentos individuais com crianças, adolescentes e adultos. Adentrar na psicologia profunda - como é chamada a psicologia Junguiana, tem sido de um mistério e de uma riqueza inimaginável para mim, deparo-me quase que diariamente com as profundezas e belezas da psique, com o Universo único, porém coletivo, em cada indivíduo, colega, profissional e paciente que encontrei durante a prática, a cada dia, desdobro-me também, através do outro, sobre mim.

Ao longo desta experiência, a escuta têm sido um exercício constante: após cada sessão questiono-me se, de fato, a escuta aconteceu - e o que se escutou do que foi dito. Há uma escuta que transpassa a vocalização, que está presente no silêncio, num gesto, em cada olhar do paciente sobre si, sobre mim, sobre o setting. Há uma escuta sobre o que não foi dito, sobre o cheiro que inunda a sala, sobre o peso dado a cada palavra, sobre a vestimenta e as expressões escolhidas no dia, sobre minha disposição, sobre a forma de adoeecer, de amar, de sonhar do paciente. Dentre diversas e outras escutas, há, sobretudo, uma escuta que se faz silenciosa, esta tão importante quanto a escuta verbal.

“Perceber o outro, perceber o não óbvio, o não manifesto, o não revelado, aquilo que ainda não nasceu, aquilo que está em estado de latência, ou sentimentos que às vezes nem o paciente sabe nomear, estados de espírito, estados da mente... Isso é o ofício do terapeuta, e não é fácil exercê-lo.” Gambini, 2011

Roberto Gambini em meio aos seus escritos defende a importância de se realizar uma pesquisa do paciente através de um bom estudo, anotações e observações, visto que cada indivíduo possui uma demanda única e um universo de subjetivações e estruturações singular. Por outro lado, em meio a tantas escutas, leituras e supervisões, comecei a reconhecer por trás do universo singular de cada paciente, uma estrutura que é coletiva e arcaica em cada indivíduo, em alguns casos esta estrutura inclusive lembrou-me as histórias que costumava ouvir durante a infância: reconheci uma Bela Adormecida, uma Cinderela, uma Bela e uma Fera, um Pinóquio, um Peter Pan e sobretudo alguns Hércules durante a prática: há, nas

histórias, um material arquetípico que é riquíssimo para a psicologia profunda, e é justamente sobre isto que irei me debruçar ao longo deste trabalho, em especial sobre o mito de Hércules, que se fez presente durante os atendimentos individuais e no grupo psicoterapêutico com crianças entre 9 e 11 anos que conduzi junto a outro colega ao longo desses dois anos, seja por meio de desenhos, seja por comentários e associações com o mito.

Por mitos, Jung (1978) afirma que são histórias simbólicas que se desdobram em *imagens significativas*, que tratam das verdades dos homens de todos os tempos, ou seja, são situações comuns ao ser humano ao longo da vida, tal como nascimento, casamento, envelhecimento e morte. Os mitos possuem um caráter universal - mesmo quando desenvolvidos por grupos ou indivíduos sem qualquer contato cultural entre si. Tem um flagrante poder de sedução e, apesar de menos aparente, uma importância psicológica profunda. Eles explicam, auxiliam, e promovem as transformações psíquicas que se passam, tanto no nível individual, como no nível coletivo de uma determinada cultura.

O mito do Hércules apresentou-se a mim através do grupo psicoterapêutico durante três encontros consecutivos por meio de comentários dos pacientes sobre o Herói e acaba relatando através do conto situações que são comuns no desenvolvimento da personalidade, em especial das crianças. Eu, na minha tentativa de compreender a imagem que se apresentava, resolvi estudar mais a fundo o herói e utilizar seus conteúdos como um gatilho de conversa para a demanda que se apresentou no grupo. Mas por que o mito do Hércules? - perguntava-me. A partir desta pergunta, comecei a observar um pouco mais a fundo a realidade e os modelos de subjetivação que se estabelecem no local em que eu estava inserida, no momento de vida em que se apresentavam os pacientes, além do meu processo de formação como psicóloga. Estas observações, reflexões e comentários serão tecidos ao longo do trabalho.

Por fim, apresentarei algumas versões do mito de Hércules e me debruçarei sobre algo que é comum a todos: o arquétipo presente no mito, e as suas variações. Também irei discorrer sobre alguns conceitos junguianos importantes para a análise, são eles imagem e mitogemas. Após, será discutido o mito no grupo que ministrei, além da minha relação com o Hércules e um pouco sobre a minha experiência no estágio e os pacientes envolvidos.

4. OS HÉRCULES



4.1 JUNITO DE SOUZA BRANDÃO

Na versão de Junito Brandão (1987), Hércules é chamado inicialmente de Alcides, passando a ser chamado de Hércules somente após a realização dos 12 trabalhos iniciáticos propostos por Hera. Filho de Alcmena, princesa micênica a quem era casada com Anfitrião, e Zeus, Deus dos trovões e que se fantasiou de Anfitrião e passou três noites ao lado de Alcmena. A princesa teve dois filhos, um de Zeus, Hércules, e outro do seu marido Anfitrião, Íficles. Quando nasceu, por ser filho de uma princesa humana, foi necessário iniciar a imortalidade do herói, que Zeus encontrou como meio o leite de Hera: era preciso que o herói sugasse, mesmo que por alguns instantes, o seio divino de Hera. Hermes foi o responsável pela trama, levando Hércules ao encontro de Hera enquanto esta dormia. Após a primeira sugada em seu seio, Hera acorda possuída de ira e ódio. De imediato, a ira e o ciúme de Hera, que jamais deixou em paz as amantes e os filhos adúlteros de seu esposo Zeus, começaram a manifestar-se.

Aos 8 meses, Hera envia a Hércules duas serpentes gigantes, na qual Hércules tranquilamente as pegou e as matou por estrangulamento. Já quando adulto, Hera lança contra Hércules a terrível *Lyssa* - loucura produzida pela raiva, que de mãos dadas com a demência, o enlouquece por completo, fazendo-o matar a flechadas ou a fogo os seus filhos. Recuperada a razão, o herói dirige-se ao Oráculo de Delfos e pede a Apolo que lhe indique os meios de purificar-se dos seus erros cometidos. Apolo ordenou-lhe colocar-se ao serviço de seu primo

Euristeu, o rei de Argos, durante doze anos, ao que Apolo e Atená teriam acrescentado que, como prêmio de tamanha punição, o herói obteria a imortalidade. A realização destes doze anos é considerada os 12 trabalhos iniciáticos do Herói. São eles:

(1) Estrangular um leão, de pele invulnerável, que aterrorizava o vale de Neméia; (2) Matar a hidra de Lerna, monstro de muitas cabeças; (3) Capturar viva a corça de Cerinéia, de chifres de ouro e pés de bronze; (4) Capturar vivo o javali de Erimanto; (5) Limpar os estábulos de três mil bois do rei Augias, da Élide, não cuidados durante trinta anos; (6) Matar com flechas envenenadas as aves antropófagas dos pântanos da Estinfália; (7) Capturar vivo o touro de Creta, que lançava chamas pelas narinas; (8) Capturar as éguas antropófagas de Diomedes; (9) Levar para Edmeta, filha de Euristeu, o cinturão de Hipólita, rainha das guerreiras amazonas; (10) Levar para o rei de Micenas o imenso rebanho de bois vermelhos de Gerião; (11) Apoderar-se do cão Cérbero, guardião das portas do inferno, de três cabeças, cauda de dragão e pescoço de serpente. (12) recuperar as três maçãs de ouro do jardim das Hespérides, por intermédio de Atlas, que sustentava o céu sobre os ombros e executou por ele esse trabalho

4.2 DISNEY

A versão de Walt Disney se passa na Grécia antiga, caracterizada por ser caótica e violenta sob o domínio dos Titãs, até que o Deus Zeus atirou seus raios e os prendeu, tornando-se o Deus do Olimpo. Zeus teve um filho com Hera chamado Hércules. No dia do aniversário de um ano de Hércules, todos os Deuses do Olimpo se juntavam e lhe presentearam. O Deus do submundo, Hades, - na qual Zeus lhe ordenou a tarefa de morrer de trabalhar, tinha planos de assumir do controle dos Deuses e, ao perceber a força de Hércules, passa então a elaborar planos de matá-lo, contando com a ajuda de dois ajudantes, o Pânico e a Agonia. Para isso, é necessário transformar Hércules em um mortal, assim, Pânico e Agonia o raptam de seus pais e trazem ao mundo terreno, lhe entregam uma mamadeira com uma poção que, se fosse bebida até a última gota, lhe transformava em mortal. Antes de ingerir a última gota, no entanto, Alcmena e Anfitrião encontram-no chorando e, a partir deste dia, passam a cuidá-lo. Hércules foi crescendo e, aos poucos, tornou-se inadequado na cidade em função do tamanho da sua força, recebendo o apelido de “o destruidor”. Seus pais perceberam o desconforto e resolveram lhe contar sobre sua origem. Hércules resolve, então, ir ao templo

de Zeus para obter alguma resposta. Zeus lhe revela que ele é seu pai e que isto o faz ser um Deus, mas que alguém o roubou e tornou-o humano, acrescentando que só poderá voltar a ser um Deus quando provar ser um verdadeiro herói na Terra. Para isso, deverá procurar Philoctetes, o treinador de heróis gregos, e iniciar o seu treinamento.

Hércules assim o fez, dirigindo-se a Tebas, onde logo de início encontra um Minotauro tentando sequestrar Megara, uma donzela. Hércules vence o Minotauro entre socos e golpes e salva a donzela. Meg habita o Hades e tem uma sentença de conseguir sua liberdade se trazer o Hércules ao Hades. Assim, na tentativa de conseguir sua liberdade, inicialmente coloca Hércules em alguns apuros, no entanto, acaba se apaixonando pelo herói. Hades, reconhecendo que Meg é o ponto fraco de Hércules, dirige-se ao herói e lhe propõe que ele desista da sua força durante um dia em troca da liberdade da Meg, na qual Hércules concorda, sob a condição do juramento de Hades de que a Meg não irá se machucar, caso contrário, ele ganha a sua força de volta. Feito o acordo, Hades liberta os Titãs e inicia-se uma guerra entre os deuses e os titãs. Um dos titãs segue em direção a Tebas e convoca Hércules a tentar salvar a cidade, mas sem a sua força, está difícil a vitória, até que, quando um pilar está caindo em cima de Hércules, Meg o empurra e o salva, machucando-se e, portanto, desfazendo o contrato e devolvendo a força de Hércules, que vence a luta com a ajuda de Zeus.

Hades diz que seu prêmio de consolação fora Meg, que está no submundo após a queda do pilar. Hércules se enfurece e resolve descer até o submundo de Hades para libertá-la, contando com a ajuda do cão Cérbero. Hércules, ao salvar Meg, passa a ser um Deus e retorna a sua imortalidade. Os Deuses o saúdam no Olimpo e comemoram a volta ao lar de Hércules. No entanto, ele percebe que prefere viver a sua vida na terra junto com Meg. “um verdadeiro herói não se mede pela força física, mas pela força de seu coração” - ensina Zeus.

4.3 MONTEIRO LOBATO

Monteiro Lobato (1962) caracteriza Hércules como um homem extremamente forte e bruto, mas dotado de um grande coração. A história começa com Pedrinho, o personagem do Sítio do Picapau Amarelo, retornando da Grécia encantado com Hércules ao presenciar a

sua vitória sobre a Hidra de Lerna. Empolgado com o herói ele decide voltar para a Grécia com seus amigos, Emília e Visconde, utilizando o pó de pirlimpimpim de Visconde, que tinha o poder de voltar ao passado em qualquer lugar do mundo. Ao chegar na Grécia, vão para Nemeia, onde ouviram de um fazendeiro que Hércules enfrentaria o Leão da Lua. Assistiram tudo em cima de uma árvore, gritando dicas para que Hércules vencesse o leão, com as dicas, inicia-se a amizade do herói com os três viajantes do futuro. Hércules lhes explica o motivo de estar servindo a Euristeu, seu primo, e o porquê de Hera jogar tantos monstros e desafios a ele, deixando-o louco e fazendo com que matasse seus oito filhos e sua esposa, Mégara.

“— Involuntário ou não, cometi esse horrendo crime — e o remorso tomou conta de mim. Condenei-me então ao desterro, e fui consultar o Oráculo de Delfos para saber qual a terra para onde exilar-me. Eu por esse tempo não me chamava Hércules, como agora. Meu nome era Alcides. Foi a Pítia do Oráculo de Delfos quem me trocou o nome e sugeriu a minha vinda para as terras do Rei Euristeu. Esse rei me impôs como penitência a realização de Doze Trabalhos terríveis. A luta contra o Leão da Neméia foi o primeiro.” (Monteiro Lobato, 1962)

A realização dos 12 trabalhos passa a ser, portanto, uma penitência aos crimes cometidos durante a sua loucura. Não contarei os 12 trabalhos novamente, mas vale ressaltar que nesta versão do mito, os personagens do Sítio do Picapau Amarelo participam de cada trabalho, e, apesar de já saberem o desfecho - inclusive a morte de Hércules, por virem do futuro, economizaram Hércules de saberem suas histórias, pois este de nada iria entender.

Em meio às narrativas dos 12 trabalhos, Monteiro Lobato se atém aos detalhes da vida cotidiana, como onde iriam dormir, o que comeriam, qual a iluminação que eles utilizavam, a contagem do ano (a história do Hércules se passa 7a.C) e das preocupações práticas de cada tarefa, tal como o que fazer com o leão de Neméia já morto. Emília carrega consigo uma pequena canastra, onde passa a colocar alguns símbolos de cada tarefa do herói para levar ao sítio da Dona Benta.

5. INVARIANTES QUE VARIAM

“Porque esta é a maneira de um mito existir: variando”

Ruth Guimarães (1995)

Diferentes versões do mito foram contados brevemente ao longo do trabalho, sendo possível perceber que em todos eles um ponto em comum: trata-se de um menino que, apesar de suas adaptações e atualizações a cada época e público, vem a se tornar herói após a realização de 12 trabalhos, nestes trabalhos ele se depara com relações complicadas, com animais gigantes e aterrorizantes, com o submundo e também com a ajuda de outras pessoas para a realização de alguns trabalhos. Em termos psicológicos, podemos pensar no processo de construção e estruturação do ego, em que a criança passa a se diferenciar um pouco dos seus pais e a reconhecer um “eu” com vontades, desejos, medos e aflições. Na versão de Juníto Brandão, o enfoque do conto está na realização dos trabalhos e nos processos psicológicos envolvidos em cada um deles sendo o processo de individuação e de tomada de consciência acontecendo em todos eles - pelo autor ser psicólogo junguiano, vou utilizar sua versão como ponto de apoio para minhas discussões.

Já na versão de Monteiro Lobato, trata-se de uma adaptação do mito ao mundo infantil, onde o enfoque dado está na relação do Herói com os personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo, além de detalhes e preocupações cotidianas, como o que irão comer, onde irão dormir, como se locomover da melhor forma, quais serão os símbolos que serão levados ao sítio, entre outros. Monteiro Lobato é conhecido pela sua literatura infantil, empenhado em divulgar o folclore e cultura brasileira, é considerado um autor nacionalista e abridor de portas para a literatura brasileira no Brasil. Seus traços aparecem no mito através de sua linguagem coloquial e acessível, além dos detalhes culturais típicos brasileiros que é posto na história. Apesar dos seus traços nacionalistas e infanto-juvenil, Monteiro Lobato manteve no conto os principais pontos do mito, trabalhando com um herói fortíssimo que realiza tarefas ao servir ao seu primo Euristeu, por ter cometido alguns crimes quando Hera lhe enfeitiçara com a Lyssa.

A Disney, por outro lado, apresenta o mito atualizado para o cinema, implicando em atualizações arquetípicas e estratégias de marketing. O enfoque do filme está no conflito entre Zeus (seu pai e Deus do Olimpo) e Hades (deus do submundo que queria dominar o mundo libertando os Titãs), ao que passa a Hércules a tarefa de provar aos Deuses sua capacidade de ser um bom herói na Terra. O filme, por conseguinte, possui como pergunta de fundo “como se avalia um grande herói?” e não apresenta a relação de Hércules com Hera. Hércules, por ser filho de Zeus, nasce herói, mas é raptado pelos ajudantes de Hades, Pânico e Agonia, e torna-se humano, voltando a ser herói quando comprovasse a sua natureza na terra.

Outro ponto importante a ser ressaltado são as diferenças da descrição do herói utilizada em cada versão. Para Junito Brandão, *“Héracles sempre se portou como um indisciplinado e temperamental incorrigível, a ponto de, temendo pela vida dos mestres, Anfitrião o mandou para o campo, com a missão de cuidar do rebanho.”* Para Monteiro Lobato, por outro lado, enfoca na sua doçura do herói. *“Havia em Hércules uma doçura singular. Depois de em seus acessos de cólera golpear culpados e inocentes, fortes e fracos, Hércules caía em si e chorava. E talvez até tivesse dó dos monstros que andou destruindo por amor aos homens. (...) Era robustíssimo de corpo e mole de coração.”*

Por outro lado, Walt Disney reforça sua força e invencibilidade: *“Ao amado Hércules, a nota dez convém!/ Multidões vinham para ver/ Vem, vê e vence com bravura/ É a coragem em ação/ De zero a herói por aclamação/ Que homão!/ Ele é bravo!/ Sem igual/ Bem-feitor, rolo compressor/ Invencível/ Tão audaz, o que ele faz/ É incrível/ Não era nada/ Um zero, um zero/ Mas como herói é/ É o que eu quero/ Coisa igual eu nunca vi/ De zero a herói é/ Nosso herói é.”*

Nas três versões, no entanto, alguns pontos em comum são trabalhados: trata-se de um menino que nasce de um jeito mágico, consulta um oráculo após realizar uma hybris (pecado) e se submete a uma pessoa, que lhe indica os caminhos e, a partir disto, realiza tarefas valendo-se da sua incrível força física com um propósito. Após a realização destas 12 tarefas, torna-se herói e conquista a imortalidade. Pode-se pensar neste ponto como o invariante do mito, também conhecido pela psicologia junguiana como mitogema, é aquele traço que não se modifica e que caracteriza o mito Hercúleo.

Em cada versão, no entanto, estes invariantes são descritos em variações que foram pensadas por cada autor para melhor sensibilizar o público alvo em questão. Junito Brandão, sendo analista Junguiano, procura se aprofundar mais a versão grega do mito e a relação entre os Deuses do Olimpo. O autor deixa claro, no entanto, a dificuldade em se encontrar alguns detalhes por ter sido atualizado ao longo das contações e do boca a boca e do momento político de cada atualização. Nesta versão, Hércules realiza os trabalhos servindo a Deusa das instituições e do casamento, Hera. E se submete ao seu primo Euristeu, que lhe ordena os 12 trabalhos. Ao longo dos trabalhos, Hércules recebe a ajuda de outros Deuses, através de ferramentas e escudos necessários ou até mesmo ajuda física, como a de Athená.

Já na versão de Monteiro Lobato, Hércules realiza os 12 trabalhos também servindo ao seu primo Euristeu, após consultar o Oráculo de Delfos em função dos homicídios cometidos enquanto fora submetido a Lyssa, de Hera. Hércules, no entanto, recebe a ajuda da turma do Sítio do Picapau Amarelo, que, vindo do futuro, possuem alguns conhecimentos que ele ainda não tinha e realiza os trabalhos como penitência aos crimes. Na versão da Disney, por outro lado, Hércules conta com a ajuda de seu pai, Zeus, e de seu treinador, Philoctetes, além de que realiza os trabalhos com o objetivo de provar aos Deuses do Olimpo que é um Herói.

O mito do Hércules, dentre todas as suas atualizações e adaptações, trabalha o desenvolvimento do ego e a consciência das forças e fraquezas de si, e representa uma consciência maior sobre si - simbolizado pelas 12 tarefas que realizou sob ordens de seu primo, Euristeu. A realização dos trabalhos também pode ser vista como a ida ao mundo escolar, na qual explicarei mais adiante.

6. MITOPOESE DA PSIQUE

“O que aconteceu com as fadas, ninfas, deuses e mensageiros celestiais quando abandonamos o estado de encantamento? Lembramos Jung, que diz que a crítica ao mito não abole o fator mitologizador na psiquê. Mesmo quando pensamos que as sereias são impossíveis, nós precisamos delas; mesmo quando pensamos que o dragão-baleia que engoliu Jonas seria incapaz de cuspi-lo vivo depois, esse renascimento a partir do inconsciente é uma necessidade psicológica e mesmo racionalizado pelo iluminismo irá tomar outras formas depois.” Boechat, 2008

Ao adentrar em território Junguiano, comecei a reconhecer a importância dos mitos para a psique, principalmente porque eles retratam realidades e situações comuns do ser humano e, a partir disto, são capazes de deslocar um sofrimento ou uma angústia individuais para o campo coletivo, nomeando-a e produzindo uma sensação de alívio, porque, afinal de contas, já existe um caminho que foi traçado e vivenciado por outras pessoas. Este deslocamento do campo individual para o coletivo também promove um distanciamento da situação e dos sentimentos envolvidos, permitindo desdobrar-se sobre reflexões e *insights* sob uma perspectiva mais imparcial.

Por mito, Walter Boechat (2008), afirma que são estórias simbólicas que se desdobram em imagens significativas, que tratam das verdades dos homens de todos os tempos. Estas estórias estão associadas ao mistério e ao que não pode ser expresso pelo discurso lógico da consciência, dando sentido a ordem e a origem do mundo, explicando um pouco sobre a realidade à nossa volta e, conseqüentemente, servindo também como um papel organizador e estruturante na sociedade. Em termos psíquicos, ele amplifica uma situação existencial difícil e logra compreendê-la melhor.

Jung (1963) percebeu a importância dos mitos para a análise profunda ao trabalhar com pacientes esquizofrênicos em um hospital psiquiátrico e reconhecer que mitogemas (as histórias primordiais dos mitos que permanecem independente das variações da estória) estavam presentes nos delírios esquizofrênicos. A partir desta observação, novos estudos e fundamentos acerca do inconsciente coletivo foram possíveis.

“Quando uma criança de tenra idade ouve os contos de fada e estórias infantis, percebe modelos de organização psíquica altamente estruturantes. A criança gosta dos contos, quer ouvir mais e os guarda com carinho. Os trabalhos do herói dos contos expressam modelos de ação necessários ao seu mundo interno; os demais personagens expressam situações típicas, a criança se reconforta com o conto simbólico.” Boechat, 2008

Dentro do universo vasto dos mitos, encontram-se os famosos mitos de herói, tal como Hércules, Ulisses, Aquiles, Perseu entre outros. O herói é sempre filho de um Deus e um mortal e tem como função essencial do mito, conforme Junito Brandão, desenvolver a consciência do ego individual, para que o indivíduo se dê conta de sua própria força e fraqueza, o que lhe servirá de respaldo para as grandes e duras tarefas que terá pela frente. Quando o indivíduo supera a prova inicial e entra na fase madura da vida, o mito do herói a

perde sua importância e a morte simbólica do herói converte-se, por assim dizer, na consecução da maturidade.

*“Para a razão o fato de “mitologizar
é uma especulação estéril,
enquanto que para o coração e a
sensibilidade esta atividade é vital e
salutar: confere à existência um brilho ao
qual não se queria renunciar.”*

C.G. Jung (1978)

Um mito, portanto, não contagia ao público apenas pela sua diversão, mas acaba sendo um disparador no imaginário coletivo para olharmos para algum aspecto em específico da nossa realidade no momento. Há algo no mito que é misterioso, que por mais fictício que possa soar, diz algo sobre nós e que nos toca, mesmo que silenciosamente e sem sabermos muito bem o motivo. Um exemplo são os recordes de bilheteria no cinema de filmes que representam uma atualização arquetípica dos heróis mitológicos, tal como Avatar, Star Wars, Capitã Marvel, Batman, Pantera Negra entre outros: são filmes que retratam o momento social e político mundial, valendo-se de um toque de diversão e romance. “Não seriam os mitos, pois, uma forma de confissão da verdade sob a estrutura de ficção que lhe é característica?” (Mano, Corso e Weinmann, 2018)

7. FERRAMENTA: IMAGEM

*“Nosso método, além do mais, não
interpreta a imagem, mas fala com ela.
Não pergunta o que a imagem significa,
mas o que ela quer.”*

James Hillman, 1981

Há algumas vertentes dentro da psicologia junguiana. Dentre elas, aproximo-me da psicologia arquetípica, também chamada de “terapia focada na imagem”. Para ela, a imagem é um dado psicológico primário visto que todo o processo psíquico é uma imagem ou um imaginar, conforme Jung. Assim, uma parte muito importante da terapia consiste em “ficar com a imagem” trazida pelo paciente.

Por imagem, Gustavo Barcellos (2012) afirma que não se trata de um subproduto da percepção ou da sensação, nem da construção mental que representa de forma simbólica ideias e sentimentos, não a imagem à qual o ego, meu “eu” consciente tem acesso por vontade ou por estímulo. Mas como uma capacidade autônoma do ser humano por via da imaginação de criar espontaneamente imagens (ou fantasias) que podem ser percebidas, naturalmente, nos nossos sonhos. As imagens, portanto, são produzidas pelo nosso inconsciente e se apresentam por meio de sonhos, fantasias, arte e mitos.

O reconhecimento destas imagens são tão importantes durante a prática psicoterapêutica porque elas nos situam sobre o momento de vida e os mecanismos de funcionamento do paciente, facilitando uma reflexão e possibilitando assim o aprofundamento de cada evento em uma experiência de fato. Ficar com a imagem, portanto, pressupõe uma certa objetividade do inconsciente, que produz as imagens que necessita.

“A psique não se esconde, mas está exposta, à mostra sempre, no sonho, no sintoma, no discurso, na escolha de palavras, de frases, nas repetições, na vestimenta, nas casas, nos hábitos, na decoração, no modo como me exprimo, no modo como caminho, como adoço, como me relaciono, amo, odeio, como construo minha história. Psique é display - a superfície da alma. A profundidade está nas aparências, dentro das aparências, não por trás das aparências.” (Barcellos, 2012)

Partindo destes pressupostos de que a imagem é produzida pelo inconsciente e ficar com ela seja justamente uma via de entrada ao inconsciente, e que o trabalho psicoterapêutico consiste em cuidar e promover reflexão do paciente sobre si mesmo, é papel do psicólogo, portanto, aproximar-se das imagens trazidas - sejam por meio de sonhos, comentários ou mitos por eles trazidos. Irei discorrer, portanto, sobre uma imagem trazida durante meus atendimentos com um grupo psicoterapêutico.

8. Ação!

REFLEXÕES SOBRE A MINHA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

*Corre, salta
voa e cai
desorganizam-se.*

*uma
duas
três vezes*

*na quarta,
correm param mexem atiram
explode.*

*Rabiscam Riscam Rasgam
Amassam
Atiram
Implode.*

*De novo e de novo e de novo
Até quando?! - questiono-me*

*Então eles pedem um abraço,
assim, meio torto
entre murros e sorrisos.
Dizem até logo
e retornam ao nosso encontro
em exatos 7 dias.*

*Tudo muda,
apesar de permanecer igual.*

Início minha experiência por uma poesia como uma tentativa de organizar e colocar em ordem meus pensamentos e vivências. Durante a minha prática de estágio no Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul (IJRS), tive a oportunidade de conduzir um grupo psicoterapêutico juntamente com outro colega de estágio. Os atendimentos acontecem na Associação Ação Voluntária Francisco de Assis, localizada no bairro Morro Santana de Porto Alegre. O grupo nasceu pela demanda do bairro: a fila de espera para atendimento psicológico estava crescendo em proporções consideráveis e, durante uma supervisão, foi cogitada a possibilidade da realização de um grupo psicoterapêutico, devido ao potencial psicoterapêutico que um grupo oferece, em especial às crianças. Iniciou-se então uma pequena triagem: conversa com os pais, similaridade de idade e demanda, disponibilidade de turnos, investigação da demanda e se esta poderia ser acolhida e beneficiada em um grupo juntamente com outras crianças.

Se estipulou uma duração de 1h30min durante todas as sextas-feiras à tarde, a duração maior que uma sessão individual foi pensada levando em conta o momento de preparação e organização da sala, sendo conduzido por mim e outro estagiário, inicialmente pelo André, estudante de psicologia pela PUCRS e, neste último semestre, por mim e pelo Diego, também estudante de psicologia pela PUCRS. Inicialmente o grupo constituiu-se de 4 crianças, 1 menina de 11 anos e 3 meninos, sendo 2 com 10 anos e 1 com 9 anos.

A partir deste ano, no entanto, os participantes se modificaram em função do ajuste de disponibilidade de turnos e horários - algumas das crianças trocaram de turno na escola, assim como o formato do grupo foi se ajustando conforme o andamento das reflexões e supervisões. Este ano, o grupo é formado por 5 crianças, sendo 4 meninos e 1 menina, entre 7 e 9 anos. Todas elas chegaram ao serviço a partir de uma demanda da escola e moram nos arredores do Morro Santana, vivenciando, portanto, uma cultura local comum. Em termos de demandas, o grupo apresentou algumas questões coletivas e comum a todos, na qual busquei aprofundar os meus conhecimentos.

Para Lewin (1978), psicólogo alemão criador da Teoria do Campo, um grupo é mais que a soma de seus membros, ele possui uma identidade própria, com demandas características e modos de relações singulares e específicas. Neste caso, o grupo possui uma faixa etária parecida, em que é caracterizada por um momento de vida onde a criança passa a ingressar e a ter que se adaptar ao mundo escolar: um ambiente totalmente novo, com novas culturas, pessoas, rotinas e responsabilidades. As crianças também moram perto e vivenciam

a cultura do bairro em comum, além de que se valem de um potencial criativo e imaginativo muito marcantes, enriquecendo os encontros com desenhos, contos e filmes que os marcam em cada momento.

Os encontros inicialmente foram tomados pelo caos: a reconstrução das combinações básicas do grupo demandara muitas vezes sessões inteiras, sendo um desafio até mesmo conseguir com que todos sentassem em roda para iniciar o grupo. A poesia inicial deste subcapítulo retrata estes momentos, sendo difícil a mim a tarefa de pôr em palavras organizadas e certas a desordem que tomara conta dos encontros. Aos poucos, meu sentimento junto com o caos do grupo era de que um direcionamento era preciso - urgente, para que as energias fossem direcionadas e a violência se tornasse uma imagem psíquica e não precisasse, portanto, ser literal. Eu não sabia, no entanto, por onde começar: minha sensação era um misto de angústia com fracasso e tristeza. Meu corpo, de cansaço. Meus sentimentos, de querer pôr em ordem pela força verbal.

Em meio ao caos, as crianças trouxeram alguns personagens heroicos (e anti-heroicos) em suas brincadeiras, tal como Hércules, Minecraft, Naruto, Goku, Batman, Homem Aranha, Cinderela, Bela Adormecida entre outros. No meu processo de compreender melhor as imagens que se apresentaram, resolvi ir estudar mais a fundo um pouco de cada personagem. Nestas buscas, e após ser comentado durante três sessões consecutivas, reconheci em Hércules e na própria mitologia atributos extremamente necessários ao desenvolvimento dos pacientes, que conversam ao momento de vida em que estão passando e que se configura no grupo.

A mitologia lhes ensina o que está por trás da literatura e das artes, ensina sobre a sua própria vida. É um assunto vasto, excitante, um alimento vital. A mitologia tem muito a ver com os estágios da vida, as cerimônias de iniciação, quando você passa da infância para as responsabilidades do adulto, da condição de solteiro para a de casado. Todos esses rituais são ritos mitológicos. Todos têm a ver com o novo papel que você passa a desempenhar, com o processo de atirar fora o que é velho para voltar com o novo, assumindo uma função responsável. Campbell, 1990

Campbell (1990), em seus escritos, defende a importância dos mitos para a constituição e organização da vida em sociedade, por oferecerem um suporte aos momentos da vida que são comuns a todos. Em se tratando do grupo, de forma geral, é sabido que

crianças com uma faixa etária semelhante acabam vivenciando momentos em comum, que neste caso se configura como o desenvolvimento e estruturação do ego e a ida ao mundo escolar. Esta é a fase em que a criança se distancia um pouco do seu núcleo familiar e passa a conhecer outras culturas, outras formas de relações - mais fraternas com os colegas da escola, e principalmente outros mundos - sejam eles físicos ou psíquicos. Em meio a tantos Universos diferentes que se abrem a criança, ela também é convidada a aprender as letras e os números, além de reconhecer aos poucos do que ela gosta ou não gosta, até onde pode ir sem desrespeitar o espaço do outro, entre outras questões.

A mitologia - através de um herói que se depara com um grande desafio, sente medo e inicialmente resiste, mas que depois enfrenta o desafio, luta contra seus inimigos e ao final recebe uma recompensa -, retrata através da linguagem metafórica este momento de estruturação do ego e oferece à criança um caráter organizador. Por que, entretanto, dentre tantos heróis e anti-heróis disponíveis nas telas de televisão, no cinema, nas revistas, eles foram capturados justamente pelo Hércules? O que este herói tem? - questionava-me.

Hércules é dotado de uma força que o move a seguir realizando façanhas - em algumas versões para sobreviver, em outras para tornar-se Herói. Essa força física, no entanto, também é permeada por uma inconsciência - que se fez presente no grupo durante algum tempo. Sentimentos como confusão, raiva e frustração acompanhavam as crianças naquele momento - assim como passaram a me acompanhar.

Ao longo dos encontros fui reconhecendo que as crianças vivenciam uma cultura local comum: a agressividade que se faz presente no bairro e, muitas vezes, em seus núcleos íntimos. Ela é literal, concreta - de matar praticamente um leão por dia e ao final, vencer o mais forte. Hércules, em meio a essa realidade, possui uma força física invejável e idolatrada, uma força que, nas entrelinhas, acaba sendo símbolo de poder e vida. Sua audácia, coragem e perspicácia são louváveis e servem como uma figura de apoio. Hércules representa um herói que, sem contar com os seus pais resolve tudo, enfrenta, luta e vence.

“A cada trabalho o grande herói vai se aperfeiçoando e se encontrando...”

Junito de Souza Brandão (1987)

Na tentativa de trabalhar com a imagem que se apresentava ao grupo, resolvi trazer aos encontros a realização das 12 tarefas que o herói, sob os comandos de Hera, enfrentara.

Hércules, nesse sentido, passou a ser o fio condutor do grupo durante algumas sessões, oferecendo um suporte às demandas do grupo e servindo de suporte para mim durante o setting. A empolgação com o Herói - e a resistência, em alguns casos, fez com que as crianças literalizassem as façanhas hercúleas. Trabalhar com cada tarefa ao longo dos encontros, ao mesmo tempo que me organizou e, por ser um mito, trouxe um caminho traçado arquetipicamente, também contou com o sintoma do mito: agressividade e caos.

Neste sentido, faz-se importante reconhecer a minha dificuldade em refletir e pôr em palavras a trajetória dos encontros. Assim como o herói vai pela força conseguir um lugar diferenciado, as crianças foram convidadas a reconhecer os seus lugares no mundo através de um fortalecimento egóico e imaginal. Foi preciso dar um direcionamento a violência encontrada e realizar um pouco do que coube a minha função no momento: facilitar o direcionamento da violência, oferecendo outras possibilidades de relações internas e externas.

9. FORTALECENDO OS TRABALHOS

A escrita desse trabalho de conclusão de curso foi e tem sido um desafio constante e diário, que me acompanhou durante dias e noites. Por ora me senti perdida e envolta de um misto de sentimentos que envolvem angústia, frustração e caos, e por ora fui tomada por insights que o exercício de reflexão sobre a prática e o trabalho estimulam. Durante esta trajetória pude perceber que alguns aspectos do Hércules se fizeram presentes ao longo da escrita, e que eu também precisei encarar psicicamente touros, leões, limpar estábulos, descer ao Hades, resgatar as maçãs de ouro, dentre outros trabalhos - foi como vivenciar o sintoma e o caminho que o próprio arquétipo hercúleo carrega consigo.

Este trabalho, portanto, acaba sendo direcionado à Hera – a Deusa das instituições enquanto meu processo de formação como psicóloga, e talvez caiba mais a mim do que a qualquer outra pessoa comentada no trabalho. Por fim, reconheço um longo caminho a ser traçado, sendo este escrito um caminho que não se encerra, mas que me respalda de ferramentas e instrumentos necessários para a realização dos próximos trabalhos.

10. INSTRUMENTOS AUXILIARES

- BARCELLOS, G. (2012). *Psique e imagem: estudos de psicologia arquetípica*. Petrópolis: Vozes.
- BOECHAT, W. (2008). *A Mitopoese da Psique: mito e individuação*. 2 ed. Petrópolis: Vozes.
- BRANDÃO, J. (1987). *Mitologia Grega*. V. 3. Petrópolis: Vozes
- CAMPBELL, J. (1990) *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena.
- GAMBINI, R. (2008). *A voz e o Tempo: reflexões para jovens terapeutas*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial.
- GUIMARÃES, R. (1996) *Dicionário da Mitologia Grega*. São Paulo: Cultrix
- HILLMAN, J. (2010) *Re-vendo a Psicologia*. Petrópolis: Vozes
- HILLMAN, J. (1981) *Ficções que curam*. Petrópolis: Vozes
- JUNG, C. (1963/1978). *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- _____. (1977) *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- LEWIN, K. (1978). *Problemas de dinâmica de grupo*. São Paulo: Cultrix.
- LOBATO, J. (1962) *Obras completas de Monteiro Lobato: Os Doze Trabalhos de Hércules*. São Paulo: Brasiliense.
- MANO, G., CORSO, M. & WEINMANN, A. (2018). *Psicanálise e cultura pop: os mitos no contemporâneo*. *Psicologia USP*. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-656420160115>